**Resumo** de *Cultured Monkeys. Social Learning Cast in Stones*, por Huffman, Nahallage e Leca. 2008.

O conceito de cultura em animais, proposto por Kinji Imanishi em 1952, previa presença de cultura em todos animais sociais, e foi confirmado logo depois pela observação em macacos japoneses. Enquanto evidências surgem quanto à presença de aprendizado social e cultura em várias espécies, e determinantes do comportamento cultural são estudados e observados, o artigo aborda uma até então ausente estrutura integrativa de aprendizado social que aborde todos esses fatores.

O estudo de manipulação de pedras por macacos japoneses foi o primeiro a integrar todos os determinantes de aprendizado social, e mostrar, em primeiro lugar, como a informação baseada na inovação é transmitida – pela observação – e em segundo lugar, entre quem a informação é passada. Além do aspecto social, que ressalta a observação, a proximidade, a tolerância entre aqueles que exibem o comportamento e os que recebem a informação, o estudo destaca as influências de desenvolvimento, demográficas e ambientais que, juntamente com a influência social, afetam a eficiência, velocidade e difusão do aprendizado.

Foram observados 45 tipos de manipulação de pedras (MP) em 4 grupos captivos e 6 grupos alimentados de livre deslocamento em macacos japoneses. A forma de difusão de MP começa pelas mães, que os transmitem aos filhos. Num estudo com 48 macacos em Kyoto, de 16 pares de mães-filhos todos menos um demonstram que o filhote começa a MP nos primeiros 6 meses.

As formas de variação do comportamento de MP puderam ser comparadas pelo estudo de 10 grupos de macacos japoneses. A proximidade geográfica parece explicar bastante a similaridade cultural, e disso é proposto o fenômeno de zonas culturais. A coesão do grupo foi testada como hipótese de MP, e parece explicar o comportamento não pela tolerância, mas pelo tamanho do grupo e sua coesão espacial – grandes grupos que se alimentam juntos proximamente tendem a ter mais membros exibindo o comportamento.

Comparando os mesmos grupos em Arashiyama e Takasakiyama, 13 e 15 anos depois, percebe-se como a diversidade e complexidade de comportamentos aumentam. Isto pode revelar a transformação de usos não-instrumentais em usos instrumentais como ferramentas, algo já indicado e que deve ser melhor estudado.

O estudo de comportamento MP contribui para explicar as dinâmicas da difusão do aprendizado e da transmissão comportamental entre gerações.

**Questões** para o artigo *Cultural Niche Construction*, de Laland e O’Brien. 2012.

1) Os autores argumentam, na seção que trata dos múltiplos processos responsáveis pela construção de nichos, que herdamos as informações genéticas mais relevantes dos nossos antepassados, mas que existem processos suplementares, alvos de seleção, que permitem que o indivíduo apresente maior flexibilidade na adaptação a mudanças durante seu desenvolvimento.

Esses seriam produtos de seleção não-usuais, que acumulam informações dos ambientes locais, e o aprendizado mediado pelo cérebro seria um desses processos.

Não entendi muito bem porque separar essa dimensão? Não estaria contemplada nos “processos ontogenéticos”?

Na sequência os autores colocam padrões de comportamento como participante dos processos ontogenéticos.

2) A interação entre os três domínios (processos genéticos, ontogenéticos e culturais), que ocorrem no nível populacional, com a construção de nichos são, nos três casos, individuais? Ver as três setas tracejadas que vão dos três domínios na população de humanos para o ambiente, especificamente “cultural niche construction”, “ontogenetic niche construction” e “gene-based niche construction”.

3) As “smart variants” (Laland etal 2000) servem para explicar que, enquanto mutações são aleatórias, os processos ontogenéticos não são. Jablonka estende o conceito de “smart variants” para o nível também genético, com as “patterned variation”. Laland e O’Brien não concordam com Jablonka?

4) Se fôssemos usar o esquema de interpretação adotado por Laland e O’Brien, especificamente em sua figura 3, e pensar em tradições para se encaixar nesses esquema, ela entraria numa interação entre processos ontogenéticos e culturais, e entre estes e o ambiente?

Dá pra imaginar que quando os autores falam (página 7) de que “niche construction that is based on either learned or culturally transmitted information may be expressed ‘intentionally’ relative to a specific goal” enquanto outros processos culturais são menos direcionados, eles estão, de certa forma, colocando tradições entre processos intencionais direcionados?